

## ENCONTRO DE EXTENSÃO, DOCÊNCIA E INICIAÇÃO CIENTÍFICA (EEDIC)

### “EU SÓ QUERIA INVENTAR UMA POESIA, EU NÃO PRECISO DE FAZER RAZÃO” – BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE PSICANÁLISE E POESIA

Jomábia Cristina Gonçalves dos Santos<sup>1</sup>; Anna Paula Fagundes<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Discente do Curso de Psicologia da Unicatólica; E-mail: jomabia13@hotmail.com

<sup>2</sup>Docente do curso de Psicologia da Unicatólica; E-mail: apaulafag@hotmail.com

#### RESUMO

O presente trabalho, objetiva realizar uma breve reflexão teórica sobre alguns conceitos da teoria psicanalítica, como inconsciente, linguagem, sujeito, entre outros, através de uma articulação com poemas retirados da obra do poeta brasileiro Manoel de Barros. Freud afirma que o poeta, em seus escritos descarrega seus afetos e tensões inconscientes. Logo, pode-se dizer que tanto a psicanálise quanto a poesia têm em comum a capacidade de proporcionar os sujeitos perceberem o mundo através de uma lógica que não é racional, e sim a lógica do inconsciente.

**Palavras-chave:** Manoel de Barros. Linguagem. Inconsciente.

#### INTRODUÇÃO

Freud inicia seu texto “Escritores Criativos e Devaneios” com a seguinte curiosidade: de onde o escritor criativo retira o seu material, conseguindo nos impressionar e despertar em nós as mais diversas emoções? Parto da suposição de que o poeta, através do “brincar com as palavras”, consegue nos fazer simbolizar afetos que até então não eram simbolizados; as palavras que compõem as mais belas poesias nos “tiram do lugar”, nos proporcionam “transver o mundo” (MANOEL DE BARROS, 2010)

Mas que relação teria a poesia com a psicanálise? O processo analítico propõe que o sujeito vá reconstruindo os significados e sentidos dados as coisas e a partir disso possa conhecer seus desejos inconscientes, desejos esses que nem sempre são aceitos socialmente. Mas, como diria Manoel de Barros (2010), “tudo aquilo que a nossa civilização rejeita, pisa e mija em cima”, não é matéria de poesia?

Sendo o poeta, um artesão da palavra, que através de seus escritos nos oferece meios de descarregarmos nossa tensão inconsciente por meio da satisfação, identificação e a angústia que a poesia nos proporciona, não teria muito a contribuir com a psicanálise os escritos poéticos e vice-versa? (FREUD, 1906-1908).

Dito isto, proponho aqui, realizar uma breve reflexão teórica articulando alguns conceitos psicanalíticos como: linguagem, inconsciente, fantasia e desejo, com algumas poesias extraídas da obra do escritor brasileiro Manoel de Barros.

#### METODOLOGIA

Esse breve estudo foi realizado através de uma revisão bibliográfica da obra de autores psicanalistas que se dedicam ao estudo do tema seletivo, bem como de temas afins e da obra do poeta brasileiro Manoel de Barros, da qual foram retiradas as poesias aqui trabalhadas. Os textos e artigos utilizados para embasamento deste trabalho foram retirados das plataformas de pesquisa: Scielo e Bireme. Os livros que foram utilizados estão no acervo bibliotecário da Unicatólica, bem como no acervo individual dos pesquisadores.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A arte e a psicanálise se relacionam desde muito cedo. Freud para formular um dos conceitos pilares da teoria psicanalítica, o complexo de Édipo, recorreu ao teatro grego, Lacan também comenta sobre a relação entre poesia e psicanálise em sua obra e não são poucos os trabalhos que se dedicam a esboçar de alguma forma essa temática.

Tanto a psicanálise quanto a poesia têm em comum a capacidade de proporcionar os sujeitos o “transver o mundo”. O poema não reproduz o dizível, e sim a cria, o processo analítico, cria para o analisando a possibilidade de realidades diferentes. Já dizia Manoel de Barros (2010):

*“Só a alma atormentada pode trazer para a voz um formato de pássaro.  
Arte não tem pensa; O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.  
É preciso transver o mundo.  
Isto seja: Deus deu a forma. Os artistas desformam.  
É preciso desformar o mundo (...)”<sup>1</sup>*

O artista desenvolve suas criações segue uma não lógica, uma desrazão, ele transvê e vê para além daquilo que é consciente. Para construir seu trabalho, utiliza de afetos inconscientes, desforma os significados, vê e transmite o mundo pelo buraco da fechadura.

Em uma carta intitulada “Manoel além da razão”, escrita por José Castello, o autor define a poesia de Manoel de Barros como aquela que se desenrola para além da razão, que nela a realidade se inverte, libertando-se das amarras do bom senso e do sentido unilateral das coisas e desmontando os sentidos que geralmente damos as palavras.

Ao se deter a leitura da obra de Manoel é fácil perceber a desconstrução que ele faz desses sentidos, a forma como o autor brinca com as palavras e faz com que aquele que lê se sinta maravilhado e ao mesmo tempo inquieto com os escritos do poeta. Lacan (1977 *apud* Brunetto, 2015), apontou que “a poesia faz uma violência à cristalização do uso da língua”, que a poesia, assim como uma interpretação analítica, desmancha os sentidos das palavras e coisas, causando sentimentos mistos naqueles que as leem. Manoel (2010) em um de seus poemas diz:

*“Veio me dizer que eu desestruturo a linguagem (...) Vejamos: eu estou bem sentado num lugar. Vem uma palavra e tira o lugar de debaixo de mim. Tira o lugar em que eu estava sentado. Eu não fazia nada para que a palavra me desalojasse daquele lugar. E eu nem atrapalhava a passagem de ninguém. Ao retirar de debaixo de mim o lugar, eu desaprumei(...)”<sup>2</sup>*

Como diz o poeta, as palavras por vezes nos desalojam do lugar e nos desaprumam, o sentido ao qual damos formas as coisas, se “desformam”. A linguagem tem uma existência dinâmica, está em permanente processo de criação por sua multidão de falantes, seria a partir da linguagem que o homem daria forma as suas fantasias, sonhos e medos – consciente e inconscientemente (LONGO, 2006)

É também a partir da linguagem que o sujeito é constituído. Lacan postulou o sujeito se constitui através do contato com o Outro, que antes do ser humano nascer e se tornar sujeito, há algo que o antecede: a cultura e a sociedade, as leis que fazem parte desta, e que estas são transmitidas através da linguagem. Por isso antes de expressar a realidade do sujeito, a linguagem também o constitui (LONGO, 2006)

A linguagem do ser humano é falha e ambígua, pode-se perceber isso através dos deslizos de sentido, lapsos, chistes e atos falhos que cometemos cotidianamente. A palavra, se nos revela, também nos oculta em sua opacidade, resta ao homem se esgarçar no espaço da linguagem.

Freud percebeu que através das palavras e da fala livre, as pacientes histéricas falhavam em suas assertivas, e nessa falha aquilo que era da ordem do inconsciente, do desejo, surgia. A psicanálise nasce com

<sup>1</sup> Trecho retirado do poema “As lições de R.Q” em: Livro Sobre o Nada.

<sup>2</sup> Poesia retirada do livro “Manoel de Barros – Poesia completa”, intitulada “Palavras”.

o propósito — uma insistência de Freud — de desrecalcamento que advirá pela fala. Posteriormente, Lacan, chama atenção para o “inconsciente estruturado em forma de linguagem”.

No trecho acima da poesia de Manoel, pode nos remeter também a questões da clínica psicanalítica, onde é através do deslizar da cadeia significante, dos atos falhos e dos chistes e da ressignificação dada a estes que o sujeito vai saber sobre seus afetos inconscientes. “Esse saber sobre si mesmo lhe chega como equivocação: é quando ele mesmo não se entende, porque diz mais do que conscientemente sabe sobre si” (Longo, 2006). Ou seja, vem uma palavra e tira o lugar debaixo do sujeito, ao retirar esse lugar, por vezes o sujeito desaparece.

*“O que não sei fazer desmancho em frases.  
Eu fiz o nada aparecer.  
(Represente que o homem é um poço escuro.  
Aqui de cima não se vê nada.  
Mas quando se chega ao fundo do poço já se pode ver o nada.  
Perder o nada é um empobrecimento<sup>3</sup>”.*

Freud substantiva o Inconsciente como uma instância psíquica, sem localização anatômica, que contém afetos e desejos dolorosos, recalcados pelo sujeito. Esses afetos só podem ter acesso à consciência se passarem pela barreira da censura, a partir daí eles sofrem uma deformação e surgem de formas “disfarçadas”, por meio dos mecanismos de defesa (OLIVEIRA, 2002). Fazendo uma analogia com o poema citado, é como se o inconsciente fosse um poço escuro ao qual o sujeito ao ver de cima não tem acesso a nada. Mas como ter acesso?

Além dos conteúdos dos sonhos, é através do desmanchar em frases que nós podemos ter acesso a alguns afetos inconscientes. O inconsciente é linguagem e é através da linguagem que ele surge, como já mencionado, nos chistes, nos atos falhos, lapsos entre outros. Entretanto, no nosso cotidiano não paramos para significar esses lapsos.

Já na clínica psicanalítica, esse desmanchar em frases acontece através da associação livre. Freud (apud Quinet, 2009, p. 9) afirma que através da associação livre o paciente diz-nos não apenas o que pretende e de boa vontade, o que lhe proporcionará um alívio semelhante ao de uma confissão, mas também tudo o que lhe vem à cabeça, mesmo que lhe seja desagradável dizê-lo, mesmo aquilo que lhe pareça sem importância ou absurdo.

Mas é importante que haja uma reflexão sobre aquilo que foi dito, que o paciente consiga através de seu trabalho em análise, enxergar um pouco desse fundo do poço. Seria através desse processo que o nada apareceria – “*Eu fiz o nada aparecer*”, pois na fala algo se revela, aparece e desaparece. É a partir da fala que o caminho fica mais livre para o surgimento de uma ideia repentina, desconhecida e inesperada – *do nada*.

*“Todas as coisas cujos valores podem ser  
disputados no cuspe a distancia  
servem para poesia (...)  
As coisas que não levam a nada  
tem grande importância (...)  
Tudo aquilo que a nossa  
civilização rejeita, pisa e mija em cima,  
serve para poesia.  
Os loucos de água e estandarte servem demais (...)”*

Neste trecho do poema “Matéria de Poesia”, também de Manoel, neste o autor expressa tudo considerado como matéria para compor os seus poemas, aqui percebo que o poeta escreve sobre coisas muitas vezes consideradas desimportantes, sobre seres desimportantes, sobre as coisas que não levam a nada.

---

<sup>3</sup> Trecho extraído do “Livro sobre o nada” de autoria de Manoel de Barros.

## CONCLUSÕES

Freud indaga de onde o escritor criativo retira seu material. Acredito que Manoel esclarece muito e seus textos. Seu material vem do inconsciente, daquilo que a sociedade rejeita, do consciente, de suas experiências, e fantasias infantis – ao realizar leituras de outros textos de Manoel é mais evidente que toda a obra é permeada por suas experiências infantis. Manoel, assim como outros poetas, “*carregam água na peneira, preenchem vazios com as suas peraltagens, e muitos os amam por seus despropósitos*”<sup>4</sup>.

## AGRADECIMENTOS

A professora Anna Paula, por ter aceitado o convite para a realização deste trabalho, bem como pelas devidas orientações, e por todo apoio oferecido nos momentos de angústia de seus orientandos. Agradeço também aos amigos do Grupo de Estudos Ágora Psicanalítica pelas riquíssimas discussões que muito contribuí para nossa formação acadêmica e pessoal.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel. **Manoel de Barros – Poesia completa**. Editora Leya. São Paulo, 2010.

\_\_\_\_\_. **Livro sobre o nada**. Editora Record, São Paulo, 1996.

BRUNETTO, Andréa. **Um poeta e um castelo. Duas mulheres. Talvez três**. Revista Stylete Lacaniano, vol. 1, 2015.

FREUD, Sigmund. **Escritores criativos e devaneio**, em Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. 9 (1906-1908).

LONGO, Leila. Linguagem e psicanálise. **Coleção Passo-a-Passo**. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 2006.

OLIVEIRA, Fátima Cristina Monteiro. Uma interface entre psicanálise, sonhos e poesia brasileira. **Pulsional: Revista de Psicanálise**, vol. 161, 2002.

QUINET, Antônio. **As 4+1 condições da análise**. Editora Jorge Zahar, 12ª edição, Rio de Janeiro, 2009.

---

<sup>4</sup> Trecho retirado da poesia “O menino que carregava água na peneira” do livro “Manoel de Barros – Poesia completa (2010)”. **Encontro de Extensão, Docência e Iniciação Científica (EEDIC), 12., 2016, Quixadá. Anais... Quixadá: Centro Universitário Católica de Quixadá, 2016. ISSN: 2446-6042**